

A cidade que virou as costas ao ódio

Habitantes de uma pequena localidade norueguesa chegaram à conclusão de que estava na hora de tomar uma atitude.

LUCINDA HAHN

«**V**AMOS MATAR seu marido.» Eva Fjeld estremeceu, com essas palavras ainda ecoando em seus ouvidos. Havia várias semanas que ameaças telefônicas eram feitas à noite, em geral acompanhadas por ruídos provocados por jovens vândalos no jardim de sua casa na cidade de Brumundal, Noruega.

Esta noite, porém, não havia barulho de motores de carros nem sons de pneus cantando. Exceto pela respiração regular de Trond a seu lado, só havia o silêncio profundo e de mau agouro.

Eva temia o que pudesse acontecer no dia seguinte, mas Trond se mantinha inflexível. «De uma vez por todas», disse ele, «vamos mos-

trar a essa gente o que é realmente esta cidade.»

A UMA hora e meia de carro a norte de Oslo, Brumunddal parecia tão pacífica como a prateada superfície do lago Mjøsa, cujas águas banham o extremo leste da cidade. As crianças iam a pé para a escola, sozinhas, por entre casas de madeira bem conservadas, onde, no inverno, se viam esquis encostados às paredes.

Mas Trond se estarrecera com as palavras ouvidas na escola secundária onde era diretor. «Os negros deviam ser expulsos à paulada», diziam alguns. Começaram a aparecer grafitos racistas pelas paredes da cidade. Um dia, um vietnamita foi espancado em seu jardim. Antes, uma mercearia pertencente a um paquistanês fora dinamitada. Jovens vândalos que faziam ponto junto a uma bomba de gasolina da Mobil molestavam crianças de imigrantes.

Até que, no sábado 20 de abril de 1991, um título no *Aftenposten*, o mais influente jornal norueguês, eletrizara a cidade. «Brumunddal — Lugar Esquecido por Deus?», perguntava a manchete do artigo, que descrevia os ataques de que a comunidade imigrante vinha sendo vítima, espelhando as tensões crescentes em toda a nação desde que a Noruega abrisse suas fronteiras a imigrantes do Terceiro Mundo e a refugiados políticos no final dos anos 70.

A cidade estava ganhando reputação de racista, mas alguns habitantes ou não sabiam ou não queriam saber disso. «Aqui não existem gru-

pos racistas organizados», declarou o chefe da polícia. «Talvez os imigrantes encontrem razões para ter medo, mas não é um local inseguro.»

Trond ficou chocado com o artigo; ele se importava com aquilo. «Vamos fazer algo para resolver esse assunto», prometeu. «Lá vamos nós outra vez», pensou Eva consigo. A moça sabia que o marido nunca virava as costas a um desafio.

Ele e vários outros reuniram-se com representantes do governo local, mas apesar da compreensão deste, ficou claro para Trond que as pessoas de Brumunddal tinham de tomar conta do assunto e resolvê-lo por seus próprios meios.

UMA SEMANA depois, ele convidou a comunidade para o ginásio de sua escola. Compareceram mais de 200 pessoas, mas a reunião acabou num campeonato de gritos.

«Vocês são o câncer de Brumunddal», disse um vendedor imobiliário aos membros do chamado bando do posto de gasolina.

«O que é que a comunidade fez por nós?», gritou-lhe um adolescente de blusão de couro.

«Temos uma difícil tarefa à nossa frente», constatou Trond.

Com dez pessoas da cidade escolhidas a dedo, ele fundou uma organização, a Brumunddal Num Novo Caminho (BNNC). Colocaram um anúncio no *Aftenposten*, patrocinado pelo governo local. «Temos à frente uma grande tarefa», podia ler-se. «Para os imigrantes, as trevas duraram demais. É hora de ligar a luz.»

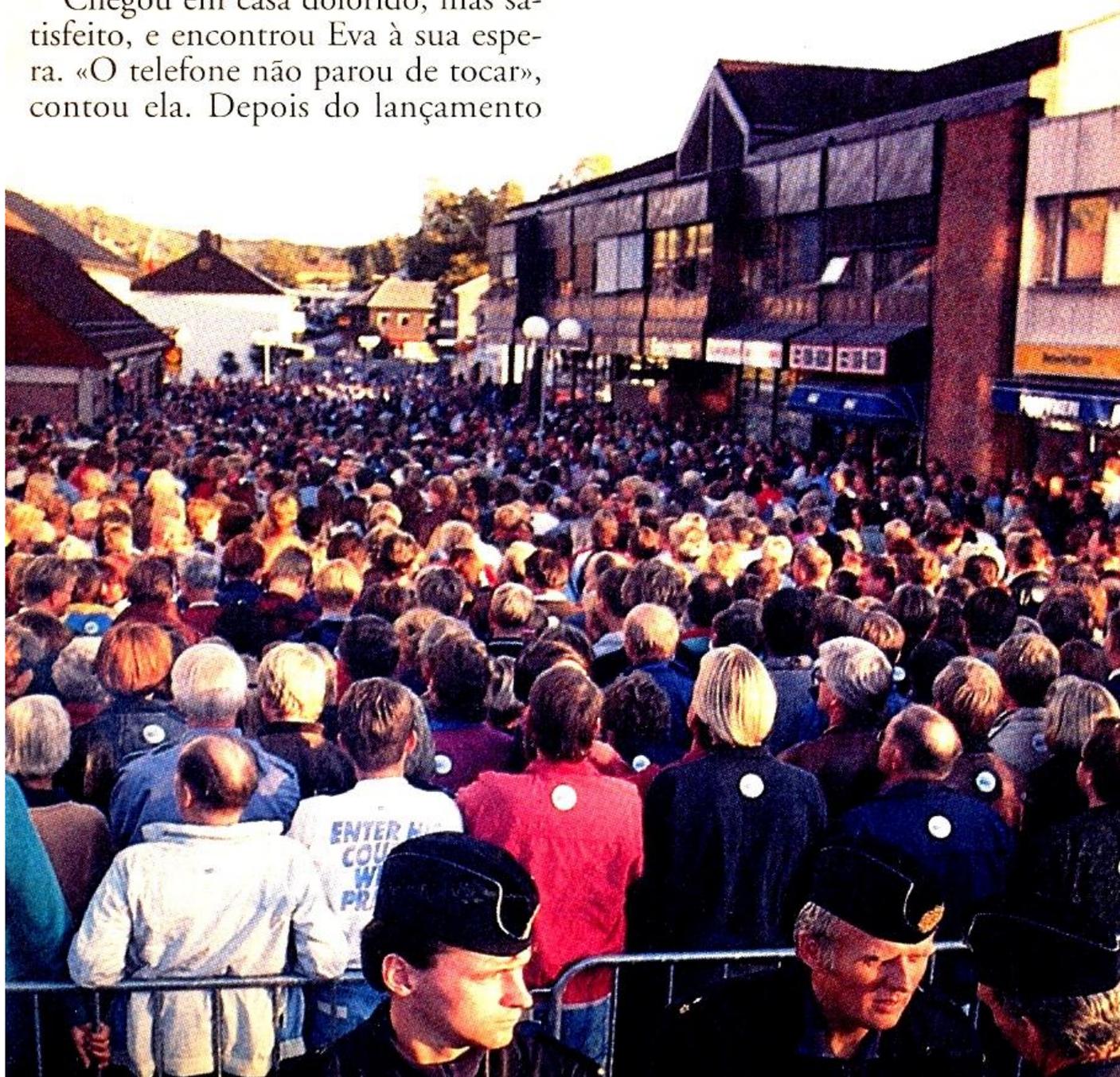
A CIDADE QUE VIROU AS COSTAS AO ÓDIO

Depois, Trond deu um pulo a Estocolmo durante o fim de semana. Era membro de uma equipe de caminheiros, um esporte em que os participantes têm de fazer um trajeto por um terreno que desconhecem. Na mais longa prova, conhecida por Tiomila, Trond fez a etapa mais difícil, uma corrida de 17 km por um bosque, com a ajuda apenas de um mapa e de uma bússola para se orientar. Ex-maratonista, ele vibrou com a descoberta do caminho através da floresta.

Chegou em casa dolorido, mas satisfeito, e encontrou Eva à sua espera. «O telefone não parou de tocar», contou ela. Depois do lançamento

da BNNC, jornalistas de toda a Noruega queriam saber mais. Alertadas por novo anúncio então veiculado, mais de 300 000 pessoas aderiram à organização nas semanas que se seguiram.

Foi então que Trond teve a perturbadora notícia: membros de alguns dos mais agressivos grupos contra a imigração encontravam-se em sua cidade. Um deles, o Noruega Contra a Imigração, dedicava-se à expulsão de imigrantes não escandinavos do país. Seu líder era Arne



Myrdal, um ex-trabalhador da indústria do petróleo, de 55 anos, que aparentemente pensava que sua mensagem iria encontrar eco em Brumunddal.

Ele ia aos bares locais beber com os jovens e os desempregados, explicando como os imigrantes eram um sorvedouro do orçamento destinado à segurança social, e que os velhos e pobres noruegueses mereciam esse dinheiro. Muitos começaram a se agitar.

Estimulado com o apoio, Myrdal organizou uma concentração para o centro da cidade no dia 31 de agosto. Quando chegou à cidade com seus guarda-costas, uma multidão de várias centenas de pessoas de tendências diferentes se havia reunido ali. Havia apoiantes locais, alguns deles conhecidos neonazistas, mas também membros da BNNC e três ônibus cheios de jovens anti-racistas, muitos da Blitz, uma organização de Oslo.

Em cima da plataforma de um caminhão, Myrdal preparava-se para falar ao microfone, mas antes de poder fazê-lo, um grupo de protesto arremessou seus alto-falantes ao chão e os destruiu. Depois de um grande atraso, ele pôde discursar, utilizando um megafone. Quando terminou, a polícia pediu que a multidão se dispersasse em ordem.

Em vez disso, os apoiantes de Myrdal atacaram. Alguns minutos depois, o local da concentração parecia o cenário de um filme sobre a máfia. Pedras e garrafas cruzaram o ar. Transeuntes com carrinhos de be-

bê fugiam assustados, enquanto Eva Fjeld se abaixava junto da vitrine de uma loja, vendo horrorizada um ultradireitista surrar uma mulher da Blitz que jazia caída.

O motim acabou quando os membros da Blitz foram escorraçados para a estrada. Trond e Eva, incólumes, ficaram na praça, coberta de vidros estilhaçados e pedras. Então, ouvindo vozes de ódio, viraram-se e viram Myrdal sorrindo e subindo a rua, ombro a ombro com seus homens. Magnanimamente, ele ordenou a seus rufiões que limpassem todos os cacos de vidro que encontrassem pela rua.

Os jornais noruegueses apelidaram a refrega de «A Batalha de Brumunddal». Sim, fora uma guerra, confirmou Trond numa entrevista de rádio. Uma vez que a polícia e o governo eram incapazes de resolver o problema, disse ele, as pessoas teriam elas mesmas de assumir essa responsabilidade. A reputação da cidade estava agora pior do que nunca, e Trond estava determinadíssimo em purificá-la.

Estava certo: havia caminhado para uma guerra, e eram os 200 imigrantes de Brumunddal quem pagava. Hung Nguyen Ngoc e sua família viviam em Brumunddal desde sua fuga por mar do Viet-Nam, em 1979. Todos falavam norueguês, e sua filha mais velha estudava na escola de balé local. Hung trabalhava como mecânico de automóveis numa cidade próxima.

Seu filho era freqüentemente maltratado pelo grupo do posto de ga-

solina quando voltava para casa, e, um dia, a filha chegou aterrorizada porque um colega de escola vietnamita havia sido derrubado de sua bicicleta por jovens *punks*. Há pouco, Hung descobrira um dos pneus de seu carro cortado. «E vamos atacar todos os iranianos!», gritou-lhe um bêbado pelo telefone. Sua professora de norueguês lhe disse que ele devia sair de Brumunddal. «Talvez fosse melhor», pensou ele.

Eva Fjeld começou a achar que provavelmente sua família deveria fazer o mesmo. Um dia, ela e Trond chegaram em casa e viram restos de fogo que havia sido ateado ao seu jardim. Eva fugira para dentro de casa com o coração aos saltos.

«Não é nada», lhe disse Trond. «Eles não nos vão fazer mal.» Mas ele também estava impressionado. «Isto está a ficar assustador.»

Também havia os telefonemas durante a noite. «Cadê o seu marido?», perguntava um homem. «Sabe que eu tenho um caso de amor com ele?» Outros faziam ameaças de morte.

NO PRINCÍPIO de setembro, Trond soube, para seu espanto, que Arne Myrdal tinha requerido autorização para outra concentração e ficou preocupado com o que poderia acontecer se fosse autorizado a fazê-lo. Cheio de energia, compareceu a uma reunião na cidade para discutir o pedido.

«Ele teve sua oportunidade de falar em Brumunddal», gritou um homem. «Não merece outra», clamou a multidão.

«Mas em Lillehammer isso lhe foi

negado», argumentou com veemência outro homem, referindo-se a outra cidade que ficava nas redondezas. «Por que não o fazemos nós?» E o pedido para uma concentração a 20 de setembro foi deferido.

Trond reuniu-se com os outros líderes da BNNC. «Temos que descobrir um jeito de contestar o que o Myrdal diz», disse a eles, e todos concordaram num plano para mostrar a Myrdal os verdadeiros sentimentos da cidade. Mas, para que aquilo desse resultado, os cidadãos de Brumunddal tinham de ser convencidos a comparecer em massa. Milhares de panfletos foram impressos, explicando o que a BNNC queria fazer. Voluntários distribuíram-nos pelas ruas, escolas e igreja.

Durante a tarde, porém, antes da concentração, Eva recebeu um telefonema preocupante. «Vou cuidar desse Trond Fjeld», disseram-lhe do outro lado. «Aí eu fico satisfeito.» Eva sentiu o estômago dar uma volta. Mais tarde, quando Trond chegou em casa vindo da escola, ela confrontou-o. «Não vou deixar você ir», disse ela.

«Eu ajudei a começar isto», respondeu ele. «Tenho de estar na primeira linha.» Mas, antes de ir dormir nessa noite, ele confirmou se a machadinha que colocara debaixo da cama deles ainda estava lá.

ERAM 17.00, o Sol tinha diminuído de intensidade e a temperatura baixara no centro de Brumunddal. Trond e outros membros da BNNC encontravam-se ao pé das barricadas

de metal junto ao pódio, observando os amigos e vizinhos encherem a praça. Ele contou 400. Passados 15 minutos, a multidão dobrara. Depois, dobrou outra vez. Às 18.00, estava apinhada. «Deve haver aqui mais de 4000 pessoas», calculou Trond, procurando na multidão sinais de violência. Não encontrou.

Quando Myrdal chegou à área barricada e subiu ao pódio, parecia tão surpreso como Trond pelo mar de pessoas. Mas ligou o microfone e começou a falar.

«Há gerações que os noruegueses constroem esta sociedade e a tornam próspera», ecoou sua voz amplificada pelo centro da cidade. «Agora, estrangeiros estão tirando uma fatia do nosso bolo. Nos próximos anos, vão ficar com ele.»

Foi então que Brumunddal reagiu. Nas filas da frente, um grupo de pessoas virou as costas ao pódio. Outro grupo seguiu-lhe o exemplo, depois outro. Num instante, todas as costas estavam voltadas para Myrdal.

Trond teve de se convencer a si mesmo que não estava sonhando. Meia Brumunddal estava ali tomando posição. «Incrível», pensou ele, enquanto, de uma janela com vista para a praça, Hung Nguyen Ngoc pôde ver os professores de seus filhos e seus amigos na multidão. «As pessoas se importam realmente», pensou consigo.

Myrdal falou durante uma hora, mas foi forçado a se virar para o grupo de pessoas que estava atrás dele, onde seus únicos apoiantes se encontravam. Deixou Brumunddal antes de o dia acabar.

Mas não conseguiu fugir da pequena cidade. A posição tomada por Brumunddal teve impacto na imprensa de todo o país. Seis semanas depois, ele começou a discursar para 10 000 pessoas na principal praça de Oslo. Uma vez mais, a audiência voltou-lhe as costas em sinal de protesto generalizado. Mais tarde, outra multidão em Stavanger virou-lhe as costas. Depois de outras três tentativas fracassadas de conseguir apoio público, Myrdal afastou-se e caiu no ostracismo.

HOJE, quase não existem maus tratos a imigrantes em Brumunddal, mas, se um acidente ocorre, a polícia chega o mais depressa possível e toma as medidas necessárias em relação aos agressores. A gangue da Mobil deve ter-se dissolvido; árvores, bancos de jardim e uma fonte agora adornam o local.

«Quisemos mostrar ao mundo que isto aqui é um bom lugar», diz Trond Fjeld.

Com essa vitória na verdadeira «Batalha de Brumunddal», a cidade encontrou a sua verdadeira face, e mostrou-a ao mundo.

FOTO: © DE HAMAR ARBEIDERBLAD

DURANTE a vida, o homem respira, aspira, conspira, suspira, transpira e... expira.

— Nunes Santos, *No Rir É Que Está o Ganho* (Edições Menabel, Porto)